

Re-pensando a vincularidade em tempos de pandemia: a intersubjetividade e os apoios metapsíquicos

MARY YOKO OKAMOTO*

Resumo: O cenário de isolamento social, número de mortes e recrudescimento social vivido no Brasil, devido à pandemia da doença Covid-19, diante da política imposta pelo governo central, foi responsável por uma ineficácia no tocante ao controle do avanço da doença, resultando em consequências tais como o agravamento social, do trabalho, da saúde e econômico. Levando em consideração a importância do conceito de alianças inconscientes e apoio metapsíquico desenvolvidos por R. Käs, nos propomos a uma reflexão teórica acerca dos resultados para o tecido vincular e social na experiência da pandemia em nossa realidade, levando em consideração, principalmente, as políticas de estado preconizadas durante esse período em nosso país, que expôs grande parte da população a uma desproteção e fragilidade diante do contágio e resultados da doença na vida cotidiana e social.

Palavras-chave: psicanálise, vínculos, alianças inconscientes, pandemia.

Re-thinking the linkage in times of pandemic: the intersubjectivity and metapsychic support

Abstract: The scenario of social isolation, number of deaths and social upsurge experienced in Brazil, due to the Covid-19 disease pandemic, in view of the policy imposed by the central government, was responsible for an ineffectiveness regarding the control of the disease progression, resulting in consequences such as the social, work, health and economic worsening. Taking into account the importance of the concept of metapsychic support developed by R. Käs, we propose a theoretical reflection on the results for the social and link fabric in the experience of the pandemic in our reality, taking into account, mainly, the state policies recommended during this period in our country, which exposed a large part of the population to a lack of protection and fragility in the face of the contagion and results of the disease in everyday and social life.

Key words: psychoanalysis. links, unconscious alliances; pandemic.



* MARY YOKO OKAMOTO é Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - FCL/Assis. Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Vincularidade – LAPSI, Universidade Estadual Paulista "Júlia de Mesquita Filho" – UNESP.

Introdução

A rápida disseminação do novo coronavírus (SARS-CoV-2), agente patogênico que provoca a doença COVID-19, gerou inúmeros impactos na vida cotidiana e vincular da população mundial e local, devido à gravidade dos casos de enfermidade causados pela doença e, principalmente porque, diante da falta de tratamentos curativos, o distanciamento e o isolamento social foram as principais medidas adotadas pelos agentes sanitários em escala global, na tentativa de controle da propagação e do contágio do agente epidêmico. Assim, desde 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a situação de emergência sanitária global ao grau de pandemia (UNA-SUS, 2020) e com isso, a população, em diferentes níveis, está vivendo o isolamento social, o uso de medidas de higiene e a limitação nos deslocamentos como as principais vias de contenção de contágio da doença.

Esse cenário gerou inúmeros impactos sobre a vida e o cotidiano das pessoas, em seus ambientes domésticos, nos contextos laborais e no tocante à vida social. Com o fechamento de escolas e universidades, a população infantil e jovem foi convocada a se adaptar ao ensino na modalidade remota, de caráter excepcional, além da permanência no ambiente doméstico e afastamento do convívio social com amigos, colegas e professores. Repercutiu ainda, em movimentos de migrantes e refugiados internacionais, população que vive em condições precárias e em deslocamento (ONU BRASIL, 2020).

No cenário doméstico, filhos e pais concentraram-se nas aulas e trabalho na modalidade remota, desencadeando a intensificação dos contatos e trocas relacionais entre os membros das famílias. Tal fato gerou uma série de

consequências, desde a possibilidade de aprofundamentos dos vínculos até a exacerbação de conflitos existentes e intensificados diante dessa situação de crise, inclusive podemos citar os dados que apontam o aumento no número de casos de violência doméstica durante esse período (ONU MULHERES, 2020).

Porém, convém destacar que por se tratar de um problema de ordem sanitária global, o papel do Estado, com políticas de proteção e cuidados da população pode ser considerado um protagonista, no tocante a medidas de saúde, de orientação da população com relação aos cuidados necessários para a proteção e na tentativa de evitar o contágio e a propagação do vírus; na área econômica economia e social. E diante disso, vivemos em nosso país, um posicionamento do governo federal que expôs diversas iniquidades, com importantes consequências para a vida das pessoas. O país atingiu o número de 179.032 mortes até o fechamento desse manuscrito (PORTAL G1), numa curva ascendente no número de contágio e mortes. Aliás, de acordo com declarações do diretor-geral da Organização Mundial da Saúde – OMS, a situação do Brasil, é “muito preocupante” devido ao aumento significativo na contabilização de mortes (CORREIO BRAZILIENSE)

Além disso, outras questões emergentes foram exacerbadas em função dessa crise sanitária global, relativas ao aprofundamento do desemprego, desigualdades sociais, ou seja, um cenário de desproteção social daquela população que necessita de maneira inequívoca do apoio do Estado no tocante à educação, saúde, trabalho. Tal situação foi evidenciada em nosso país diante da inoperância do governo federal em exercer uma política de saúde e

proteção à população em meio a essa situação emergencial, em nome de uma política nefasta cujos objetivos ficaram evidenciados, pautada na garantia do poder econômico para determinadas parcelas da população, expondo grande parte, que já vive em condições precárias, a uma situação de agravamento diante da perda de empregos formais e informais, salários e muito distante de uma postura que levasse em consideração a evidente necessidade de políticas as quais garantissem a proteção de tal população. Só no Brasil, a população de trabalhadores informais apresentou 60% de queda no rendimento apenas no primeiro mês da pandemia (ONU BRASIL, 2020). A despeito do auxílio emergencial providenciado pelo governo federal, é importante destacar que tal auxílio não atua na melhoria das condições de saúde e suas consequências para essa população.

Diante desse cenário nacional e internacional brevemente exposto e nessa situação de precariedade que vivemos em meio a tal crise sanitária, nos propomos uma reflexão que diz respeito à importância dos apoios metapsíquicos, conceito cunhado pelo psicanalista francês René Käs (2011), que servirá de base para a compreensão da importância do fortalecimento vincular, do tecido intersubjetivo numa situação de uma crise sem precedentes, como essa que estamos vivendo atualmente.

O autor propõe um novo paradigma na psicanálise, no que ele denominou uma psicanálise do terceiro tipo, ou aquela do estudo do inconsciente das instituições e da constituição intersubjetiva do sujeito do inconsciente (SILVEIRA, FERNANDES, GAILLARD, 2020). Em sua teoria, propõe que o sujeito singular é um sujeito do grupo, uma vez que em

seu surgimento é inserido em um tecido vincular grupal, que pressupõe a existência de contratos, leis e pactos inconscientes que vinculam os sujeitos singulares na aparelhagem grupal na qual tem origem e de todas aquelas que advirão durante a vida. Assim, o autor apresenta o conceito de alianças inconscientes que constituem os apoios metapsíquicos que sustentam a vida intrapsíquica e os vínculos intersubjetivos que compõem os grupos e as instituições (KÄES, 2011).

O objetivo desse material é tecer algumas reflexões a respeito das repercussões da pandemia e consequente isolamento social nos vínculos, sobretudo no cenário nacional, com o recrudescimento de uma postura negacionista, que acentua o contexto de desigualdade social e econômica, expondo a população à situação de ameaça diante da falta de proteção, nesse cenário de crise ocasionado por uma emergência sanitária, pensando nos resultados de tal enfraquecimento para o tecido vincular e social.

Intersubjetividade e a experiência da pandemia

“O indivíduo tem de fato uma dupla existência, como fim em si mesmo e como elo de uma corrente, à qual serve contra — ou, de todo modo, sem — a sua vontade (FREUD, 1914/1980, p. 20)”.

Para Käs (2011), o sujeito do inconsciente é um sujeito do vínculo, portanto, da intersubjetividade, uma vez que desde a sua origem é inserido num berço psíquico grupal, ou seja, a família composta pelo núcleo primário e as gerações que precederam tal núcleo.

A intersubjetividade pressupõe um espaço psíquico tecido através do conteúdo partilhado entre os sujeitos formados e ligados entre si por suas sujeições recíprocas aos mecanismos

inconscientes (recalques, negações, fantasias, fantasmas, desejos, proibições). Além de ser constitutiva do sujeito, a intersubjetividade é pensada como a construção de um espaço psíquico específico, própria à configuração do vínculo, ou seja, na tessitura de no mínimo dois espaços psíquicos inconscientes que necessariamente precisam realizar um trabalho vinculante que consiste no reconhecimento e na articulação desses espaços psíquicos heterogêneos, cada qual com sua lógica e fundada em pactos e renúncias próprias. Assim, a intersubjetividade é esse espaço cunhado nessa articulação e que possui processos, formações e experiências específicas (KÄES, 2011, TRACHTENBERG et al, 2011).

Partindo deste ponto de vista, uma questão que se evidencia é a da alteridade, ou seja, do reconhecimento da diferença que o outro, àquele ao qual nos vinculamos nos impõe, uma vez que o trabalho do vínculo será justamente articular essas alteridades a esse espaço psíquico comum e partilhado. Apontando ainda que, para Puget, esse outro ainda nos coloca a dimensão da ajenidad – da diferença Radical – ou seja, a condição de que esse outro do vínculo ao qual estamos ligados e sujeitos nunca será totalmente conhecido por nós.

A dimensão da constituição intersubjetiva do sujeito nos coloca diante de uma questão apontada desde Freud (1914), ao conceituar o narcisismo colocou que o sujeito serve de elo entre a geração a qual pertence e aquelas que o precederam, demonstrando que a questão intersubjetiva engloba a ligação psíquica entre os sujeitos numa cadeia geracional. A partir dessa ideia, podemos pensar, portanto, num sujeito

constituído enquanto herdeiro dessa cadeia geracional, ou seja, a ideia de um sujeito que se constitui como sujeitado diz respeito à dimensão da transmissão psíquica geracional, modalidade de passagem de conteúdos entre psiquismos e entre gerações e também ao estabelecimento das alianças inconscientes.

No que diz respeito à transmissão psíquica, quando se pensa na intersubjetividade é importante destacar a dimensão da ligação dos psiquismos que remete à noção de alianças inconscientes. Por outro lado, destaco que partimos do princípio de que o lugar ocupado pelo sujeito singular na família é outorgado pelo grupo, que nesse sentido, seria responsável pela subjetivação dos sujeitos. A despeito da possibilidade de transformação no tocante ao lugar oferecido pelo grupo primário, é importante apontar que a definição e os investimentos libidinais a cada novo sujeito que surge na cadeia geracional é definido por aqueles que o precedem.

Dessa maneira, o indivíduo toma parte ou ocupa um lugar no agrupamento e este lugar lhe é designado pelo conjunto – se constituindo, então, enquanto um herdeiro. O lugar ocupado por cada um de nós, e talvez nesse momento, a família seja o grupo mais elucidativo para compreender esse aspecto, é um lugar outorgado, a escolha é do grupo e não do sujeito, por isso, trata-se aqui de um sujeito sujeitado à cadeia geracional (KÄES, 2014).

A família tem uma história geracional, baseada em seus vínculos, sua maneira de ligação estabelecida, histórias de perdas e rupturas que marcam indelevelmente cada agrupamento e exige sua reorganização para responder e se defender diante de situações de sofrimento, rupturas e perdas. Cada

grupo se constitui e se reorganiza de acordo com os processos e as alianças que o constitui. Assim, cada novo ser que surge num grupo familiar, tem o significado e lugar cunhado nessa história de vinculações e alianças e na distribuição libidinal (narcísica e objetual) tecido no grupo de acordo com os pactos estabelecidos.

Dessa maneira, podemos considerar que o inconsciente intrapsíquico é cunhado nessa dupla exigência de trabalho psíquico: das experiências e fantasias de cada um e em função da situação intersubjetiva que ocupa no conjunto grupal que o precede e o qual passa a integrar, porque as formações inconscientes são transmitidas através das cadeias geracionais. Isso confere ao sujeito o acesso aos pertencimentos grupais (nome, lugar, local geográfico, história genealógica, função), permitindo o acesso a todo o material consciente e inconsciente que compõe esse psiquismo intersubjetivo.

Assim, podemos compreender o conceito de alianças inconscientes, fundamental para compreender esse conceito de sujeito do vínculo da obra de R. Käs. Para o autor, as alianças constituem na “base e o cimento da realidade psíquica que nos liga uns aos outros, formam a matéria da realidade psíquica própria a um vínculo intersubjetivo: um casal, uma família, um grupo, um conjunto institucional” (KÄES, 2011, p. 225). As alianças seriam também responsáveis pela constituição do inconsciente recalcado e não recalcado necessário para tomar parte no vínculo.

Algumas alianças nos precedem e a nossa vida psíquica se constitui na trama das alianças inconscientes estabelecidas previamente à nossa existência. Portanto, a história de constituição do Eu é composta tanto da sujeição a esse

lugar como pela distância necessária que o sujeito terá que tomar para sustentar esse lugar prescrito.

Para constituir laços e vínculos, seja desde a nossa origem como para associar-nos a grupos e a uma comunidade, somos investidos e investimos uns aos outros e assim, identificações mútuas são estabelecidas enquanto objetos e traços comuns ligam os indivíduos, constituindo os vínculos. Esses conteúdos psíquicos precisam ser ligados, atados e estão apoiados em acordos prévios que servirão de apoio e base para os vínculos.

As alianças assim constituídas estabelecem os pactos e acordos (inconscientes e conscientes) cuja função é manter e fortalecer os vínculos, fixar os termos e acordos deste pacto. Portanto, o estabelecimento das alianças permite a ligação entre duas ou mais pessoas de modo que possam, através da ligação estabelecida entre si, realizar um objetivo específico, ou seja, um interesse comum e um compromisso mútuo, levando em consideração que cada indivíduo necessita do outro para realizar parte de seus desejos inconscientes que seriam irrealizáveis sem o outro. É recíproco porque o acordo é comum, ou seja, mesmo que inconsciente tem a mesma base de sustentação.

Para Käs (2011, 2014), a aliança inconsciente é considerada uma formação psíquica intersubjetiva construída pelos sujeitos para reforçar em cada um deles e estabelecer, com base no vínculo, os investimentos narcísicos e objetivos necessários e que resultarem do recalque, da denegação, da rejeição, etc.

Assim, as alianças estabelecem as obrigações e sujeições, mas também os benefícios distribuídos entre os sujeitos

assim ligados, prometendo as satisfações àqueles que tomam parte nessas alianças. Os benefícios resultantes são medidos de acordo com os custos psíquicos envolvidos para a manutenção das alianças.

Outro aspecto que merece destaque é que as alianças constituem o agente e a matéria da transmissão psíquica geracional e entre os sujeitos do mesmo tempo, além disso, elas constituem parte do inconsciente e da vida psíquica de cada sujeito. Portanto, de acordo com Trachtenberg et al (2011, p. 263), “além de se constituírem como cimento que nos liga uns aos outros, também se constituem como um dos modos de funcionamento do inconsciente reprimido e do inconsciente não reprimido”.

Outro aspecto das alianças inconscientes diz respeito ao negativo, ou seja, todo vínculo é marcado por aquilo que falta, que deve ser rejeitado, que deve permanecer fora porque é intolerável, não aceito, recalcado. O grupo seria, então, o lugar da satisfação dos sonhos de desejos irrealizados, e que se implementa justamente onde não podemos obter a satisfação individualmente.

O desenvolvimento desse conceito relaciona-se à instituição do estabelecimento do pacto entre os irmãos da horda primitiva (Freud, 1913) e na organização de uma sociedade baseada na renúncia pulsional que distribuiria o benefício da proteção e do apoio grupal em detrimento da renúncia à parcela de satisfação libidinal individual, visando assegurar a manutenção da vida e do grupo através da renúncia à determinada parcela da pulsão de morte, representada pelo seu caráter destrutivo. Certos elementos devem ser denegados para a preservação do vínculo.

De acordo com Käs (2011), as alianças constituem organizações metapsíquicas, porque contribuem para a estruturação psíquica em sua organização narcísica e objetual, nas realizações de desejo e nas formações de desejos. São construções que funcionam como sustentação e o apoio da vida intrapsíquica de cada sujeito singular e das relações intersubjetivas inconscientes nas instituições, que por sua vez, possibilitaria o sentimento de pertencimento grupal/comunitário, o estabelecimento de crenças partilhadas responsáveis por certezas e são fundadas nos interditos fundamentais para a organização social. Funcionam como o pano de fundo e enquadramento da vida psíquica de cada um de nós e entre esta e os enquadres transsubjetivos – sociais, culturais, religiosos, políticos – nos quais se apoiam.

Käs (2011) aponta ainda que as transformações do mundo contemporâneo têm produzido rupturas nos modos de organização da vida psíquica, sobretudo no que diz respeito ao estabelecimento das alianças, pensando numa sociedade baseada no consumo e nas diversas modalidades de controles característicos do contemporâneo, o estabelecimento vincular não tem mais promovido a sustentação e o apoio da vida intrapsíquica de cada sujeito singular e das relações intersubjetivas inconscientes nas instituições, que por sua vez, possibilitaria o sentimento de pertencimento grupal/comunitário, o estabelecimento de crenças partilhadas responsáveis por certezas, e as alianças fundadas nos interditos fundamentais para a organização social.

O autor aponta três falhas nas funções metapsíquicas, principalmente devido às rupturas produzidas na organização da vida contemporânea: falhas ou defeitos

dos dispositivos de paraexcitação e de recalque da vida pulsional; nos processos de identificações e das alianças intersubjetivas estruturantes e nos processos de transformação e de mediação. Tais transformações repercutem na construção de objetos clivados e pouco confiáveis e que poderiam conduzir a sofrimentos narcísicos intensos, base para o desenvolvimento de condutas antissociais. Além disso, as falhas na constituição das alianças inconscientes representam uma regressão nas modalidades contratuais, para uma forma baseada em “relações de força em prol de grupos que detêm o poder de definir de maneira arbitrária e violenta as normas sociais e o lugar de cada um, a ordem e os valores dominantes” (KÄES, 2011, p. 21). Tais falhas repercutem na formação do inconsciente e do pré-inconsciente, atingindo a fragilização das formações intermediárias e a constituição de vínculo, atingindo, portanto, a capacidade simbólica e do pensar, além disso, fragilizam os enquadres e as garantias metapsíquicas no qual o “Eu pode advir” (KÄES, 2011, p. 21) assim como a transmissão da vida psíquica geracional.

Transpondo tais conceitos para a experiência da referida pandemia em nossa realidade, nos deparamos com diversas notícias que atestaram o fracasso das políticas implementadas no país no que diz respeito à condução da crise sanitária.

A despeito das diretrizes oferecidas pela Organização Mundial da Saúde – OMS em relação às medidas de controle da pandemia, o cenário que assistimos no país foi de fracasso e desmobilização do Ministério da Saúde em relação ao papel de coordenação, controle e orientações para estados e municípios e, portanto, à

população em geral. De acordo com dados apresentados pela Rede de Pesquisa Solidária da Universidade de São Paulo, acrescentam-se as posições frequentemente assumidas pela presidência da república, desmentindo, ignorando ou mesmo assumindo uma ‘reorientação’ das recomendações técnicas, numa postura de negacionismo tanto da doença quanto das suas consequências para a população.

Outro cenário diz respeito à situação de confronto entre a saúde e a economia colocada desde o início da crise pelo governo, posição que resultou em medidas nas políticas da saúde que preconizaram o investimento e o aumento de leitos de UTI, de alta especialidade, ignorando que as perdas ocasionadas na economia poderiam ser minimizadas à medida que o controle na disseminação do vírus fosse efetivamente realizado. Com isso, o governo gerou um contexto de dúvida para a população, confundindo as prioridades, resultando num investimento praticamente três vezes maior na economia do que na saúde.

Assim, assistimos uma franca omissão das políticas federais, enquanto uma estratégia objetiva, articulada e confiável ao combate do novo-corona vírus. Como resultado, a Rede de Pesquisa Solidária, concluiu que “desorientação e subutilização do SUS, um sistema universal constitucional, a falta de transparência, assim como a amplificação dos desencontros entre os vários níveis de governo, deixaram a população desamparada e desguarnecida diante da gravidade da pandemia, com impacto direto na sua capacidade de prevenção ao vírus” (REDE DE PESQUISA SOLIDÁRIA, 2020, p. 2).

Destarte, a falta de estratégia da política federal revelou-se um grande fracasso quanto ao combate da doença,

estimulando a fragmentação do país e deixando a população desamparada e desprotegida frente à gravidade da evolução da doença. Levando em consideração as análises parciais da implementação das políticas federais no combate à doença e à propagação do vírus, nossas preocupações voltam-se ao desamparo intersubjetivo que atingiu grande parte da população diante dos perigos representados pela situação sanitária e a precariedade das políticas governamentais.

Tal fragilização atinge exatamente o tecido vincular, ou seja, resulta num enfraquecimento do tecido intersubjetivo, e, portanto, das condições necessárias para que a população encontre uma situação de apoio e sustentação que vai além de medidas singulares e individuais, insuficientes diante do contexto atual.

A falência e a falta de credibilidade no tecido social provocam a busca por soluções individuais, que conforme apontado são insuficientes numa situação de emergência de saúde tão extensa quanto essa vivida. Diante do descrédito e a falta de confiança de uma coordenação geral temos o esboroamento dos apoios metapsíquicos e de uma política que impõe o uso de estratégias violentas que expõe feridas sociais profundas, além da experiência de um desamparo radical, o qual eleva o grau de incerteza, prevalecendo o ataque aos vínculos que deveriam funcionar como sustentação para a vida psíquica dos indivíduos. Nesse cenário, é comum o uso de formas contratuais regressivas conforme apontamos anteriormente, nas quais prevalecem majoritariamente os grupos que detêm o poder em detrimento da população geral, a qual necessitaria do amparo das normas sociais. Porém, o que assistimos foi exatamente o contrário, e tal cenário de

desamparo foi cotidianamente realizado através de ataques violentos à postura de defesa e do uso do conhecimento científico visando proteger de modo mais equitativo a população.

Assim, o tipo de aliança estabelecida desnuda as formas contratuais sociais estabelecidas em nosso país, nas quais o privilégio e a proteção populacional ocorrem de maneira desigual, gerando grupos excluídos do tecido social, resultando no contexto de ampla desorganização e fragmentação do país, um cenário preocupante e que expõe as antigas e profundas feridas presentes em nossa história nacional.

Considerações finais

Finalizando as reflexões apresentadas, colocamos nossas inquietações com relação a toda essa experiência de fragilização, enfraquecimento e desamparo diante de uma situação que seria inequivocadamente preocupante e sofrida, mas que poderia ocasionar o enriquecimento vincular e, sobretudo, das instituições e dos grupos, caso fosse possível o estabelecimento de um espaço grupal, intersubjetivo comum e compartilhado, com a presença de figuras de confiança, e que pudesse resultar na produção de estabilidade, favorecendo a possibilidade de transmissão desses conteúdos de perdas de maneira simbolizada.

A posição assumida pelo governo expõe qual o tipo de aliança está em jogo, quando pensamos que grande parte da população fica desassistida e não se configura numa preocupação do governo, ou seja, é excluída da proteção e cuidados ofertados enquanto um objeto e compromisso mútuo tecido entre governo e população. O pacto estabelecido, portanto, prevê a perda e a ruptura com o cuidado dessa população,

acentuando a vulnerabilidade do contrato estabelecido.

Ao que tudo indica, nosso contexto intensificou a sensação de temor e de exposição ao perigo representado pela doença, esgarçando o tecido social já fragilizado, exacerbando a experiência de rupturas. A ausência de um estado atuante e catalisador na coordenação de uma situação de crise e ineficiente para a tomada de medidas orquestradas e, principalmente, de fortalecimento grupal e institucional, coloca em cheque a crença no pertencimento comunitário, ocasionando consequências para as futuras alianças que serão estabelecidas frente a esse panorama.

Referências

CORREIO BRAZILIENSE. **OMS: situação da covid-19 no Brasil é 'muito preocupante' e país deve ser 'sério'**. Publicado em 30 nov. 2020. Recuperado em 09 dez 2020 <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/11/4892205-oms-situacao-da-covid-19-no-brasil-e-muito-preocupante-e-pais-deve-ser-serio.html>

KÄES, R. **Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo**. SP: Loyola, 2011.

KÄES, R. **As alianças inconscientes**. SP: Ideias e Letras, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Fundação Oswaldo Cruz. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: crianças na pandemia COVID-19**. Recuperado em 20 out. 2020, de http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/covid19/fiocruz/saude_mental_covid19_fiocruz_cartilha_crianças_na_pandemia.pdf

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Violência de gênero e COVID-19: “Quando nos calamos, permitimos que esses crimes se multipliquem”**. Publicado em 25 maio 2020. Recuperado em 20 de out. 2020, em <https://brasil.un.org/pt-br/85847-violencia-de-genero-e-covid-19-quando-nos-calamos-permitimos-que-esses-crimes-se-multipliquem>

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Refugiados e migrantes enfrentam 'três crises de uma só vez', alerta secretário-geral da ONU**. Publicado em 03 jun 2020. Recuperado em 20 out 2020. <https://brasil.un.org/pt-br/85934-refugiados-e-migrantes-enfrentam-tres-criises-de-uma-so-vez-alerta-secretario-geral-da-onu>

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **ONU: informais perderam 60% dos rendimentos no 1º mês da pandemia**. Publicado em 19 jun 2020. Recuperado em 20 out 2020. <https://brasil.un.org/pt-br/91882-onu-informais-perderam-60-dos-rendimentos-no-1o-mes-da-pandemia>

PORTAL G1. **Com 848 óbitos por coronavírus em 24 horas, Brasil tem recorde com alta de mortes em 21 estados e no DF**. Publicado em 09 dez 2020. Recuperado em 10 dez 2020 <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/09/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-9-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>

REDE DE PESQUISA SOLIDÁRIA. **Boletim 20**. Publicado em 14 ago 2020. Recuperado em 19 out 2020 <https://redepesquisasolidaria.org/boletins/boletim-20/sem-estrategia-o-governo-federal-estimula-a-fragmentacao-do-pais-e-deixa-de-coordenar-a-resistencia-a-covid-19/>

SILVEIRA, F.; FERNANDES, M. I. A.; GAILLARD, G. Contribuições de René Käs para a epistemologia da psicanálise. **Ágora** (Rio de Janeiro) v. XXIII n.1, p. 39-48. janeiro/abril 2020.

TRACHTENBERG, A. R.; PIVA, A. B. S.; HAEBERLE, D.; PEREIRA D. Z.; SOARES, G. F.; AVRITCHIR, R. A.; MELLO, V. H. P. Por que René Käs? **Psicanálise**, v. 13, n.1, p. 257-270, 2011.

UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS – UNA-SUS. **Organização Mundial da Saúde declara pandemia do novo Coronavírus**. Acesso em: 21 de out. 2020 <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>

Recebido em 2020-12-18

Publicado em 2021-02-01